DOI 10.20504/opus2017c2304

Educação musical, jovens e pesquisa na internet: compartilhando procedimentos metodológicos

Margarete Arroyo
Silvia Regina C. C. Bechara
Heraldo Paarmann
(UNESP, São Paulo-SP)

Resumo: Este artigo compartilha e discute procedimentos metodológicos que se valeram da internet como campo empírico e como instrumento de investigação acerca da aprendizagem musical por adolescentes e jovens brasileiros. Tomando como referência três pesquisas que envolveram nativos digitais, o objetivo deste texto está em ressaltar a internet como contexto e instrumento instigador para a pesquisa contemporânea na área da educação musical. As três investigações qualitativas tiveram coletas de dados realizadas entre janeiro de 2011 e abril de 2015 e utilizaram procedimentos da pesquisa documental na internet, da etnografia virtual e do estudo de casos múltiplos *on-line*. Além das possiblidades que essas três pesquisas na e com a internet indicaram, outras investigações mostram-se plausíveis como estudos longitudinais e comparativos.

Palavras-chave: Educação musical. Jovens. Pesquisa na internet.

Music Education, Youth and Research on the Internet: Sharing Methodological Procedures

Abstract: This article shares and discusses methodological procedures that used the internet as a tool and an empirical field of research for learning music by Brazilian youth and adolescents. With reference to three studies involving digital natives, the purpose of this article is to stress the importance of the internet as a context and instigator for contemporary research in the area of music education. The three qualitative studies performed data collection between January 2011 and April 2015 and used online research methods such as documentary research on the internet, virtual ethnography and multiple on-line case studies. In addition to the possibilities that these three studies performed on and with the internet indicated, further research is deemed plausible such as longitudinal and comparative studies.

Keywords: Music education; youth; research on the internet.

ARROYO, Margarete; BECHARA, Silvia Regina C. C.; PAARMANN, Heraldo. Educação musical, jovens e pesquisa na internet: compartilhando procedimentos metodológicos. *Opus*, v. 23, n. 3, p. 67-90, dez. 2017. http://dx.doi.org/10.20504/opus2017c2304

Submetido em 14/08/2017, aprovado em 14/10/2017.

Pesquisas que envolvem a internet são praticadas desde a década de 1990 (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2013). No âmbito da educação musical, um levantamento no periódico *International Journal of Music Education* remonta ao ano de 1995 as primeiras publicações no assunto. Na Revista da ABEM (Associação Brasileira de Educação Musical), os primeiros artigos no tema datam de 2006. Entretanto, a discussão metodológica acerca da internet como contexto e como instrumento de pesquisa ainda carece de atenção nessa área. Em vista disso, este artigo compartilha e discute procedimentos metodológicos que se valeram da internet como campo empírico e como instrumento de investigação acerca da aprendizagem musical realizada por adolescentes e jovens brasileiros, com o objetivo de ressaltar a internet como contexto e instrumento instigador para a pesquisa contemporânea na área da educação musical.

Investigadores que se debruçam sobre compreender processos de aprendizagem musical vividos por adolescentes e jovens contemporâneos precisam considerar que esses sujeitos constituem geração nascida na cultura digital[1]. Daí o interesse em compartilhar e discutir pesquisas que envolveram nativos digitais e a internet.

Foram selecionadas três pesquisas qualitativas para tal fim (ARROYO, 2015. BECHARA, 2015. PAARMANN, 2016). Os critérios dessa escolha deram-se em razão dos diferentes procedimentos metodológicos utilizando a internet (pesquisa documental, etnografia virtual e estudo de casos múltiplos, respectivamente), investigações voltadas para a aprendizagem de música por nativos digitais (adolescentes e jovens na fase da coleta de dados) e pesquisadores atuantes no grupo de pesquisa "Aprendizagens musicais na contemporaneidade"[2].

O levantamento de dados foi realizado entre janeiro de 2011 e abril de 2015. A primeira pesquisa, empreendida por Arroyo (2015), tratou de discutir as concepções de jovens e do conteúdo música presentes nas políticas educacionais das redes escolares públicas da cidade e do estado de São Paulo em vigor no período de 2007 a 2013. Desenvolveu-se por meio de pesquisa documental e levantou quase que a totalidade dos dados na internet. A segunda, por Bechara (2015), focalizou o Facebook como contexto de formação musical de jovens universitários(as) utilizando-se dos procedimentos da etnografia virtual. A investigação de Paarmann (2016), centrada no desejo de jovens autoaprendizes da guitarra por uma orientação musical com professores, valeu-se do estudo de casos múltiplos conduzido totalmente por meio de recursos virtuais. Bechara e Paarmann realizam pesquisa empírica no contexto da internet; Arroyo limitou-se a observar a participação de adolescentes estudantes do ensino fundamental-anos finais em práticas musicais escolares publicadas em mídias sociais (*blogs,* Facebook*,* YouTube).

Este artigo está estruturado nas seguintes seções: breve exposição acerca da pesquisa na internet e dos nativ@s digitais, apresentação de cada uma das pesquisas e seus procedimentos metodológicos, e conclusão.

Pesquisa no contexto virtual

Suely Fragoso, Raquel Recuero e Adriana Amaral (2013: 36-37) situam três fases investigativas da internet na produção anglo-saxônica: como objeto, como campo e como instrumento de pesquisa. Com base em Postill (2010), as autoras indicam que na primeira fase, início

[1] Se entendermos cultura como teia de significados (GEERTZ, 1989), cultura digital é conceituada neste artigo como significados construídos no novo meio de interações sociais, o meio digital.
[2] Grupo do Instituto de Artes da UNESP, cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq.

da década de 1990, as investigações estiveram centradas "no surgimento da internet", "na polarização real *versus* virtual" e na internet "como esfera autônoma, distinta do real". Na segunda fase, anos finais dessa mesma década, as análises se voltaram para o estudo da internet no cotidiano, problematizando, por exemplo, "como as pessoas 'roubam' tempo de suas outras atividades para os usos da internet" (POSTILL apud FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2013: 36). Na terceira fase, a partir de 2000, o interesse recai sobre os "usos e apropriações" da internet, além dos aspectos metodológicos das pesquisas.

As autoras comentam que um desafio à investigação empreendida no meio virtual diz respeito à sua abordagem empírica.

> "Como fazer", "como aplicar" e "como pensar" abordagens metodológicas que sejam eficientes e que permitam aos pesquisadores coletar e analisar dados compatíveis com seus problemas de pesquisa e com suas perspectivas teóricas mantendo o devido rigor científico, constituem os maiores desafios que se colocam para os pesquisadores (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2013: 17).

As autoras também chamam atenção para o fato de que "a internet pode ser tanto *objeto* de pesquisa (aquilo que se estuda) quanto *local* de pesquisa (ambiente onde a pesquisa é realizada) e, ainda, *instrumento* de pesquisa (por exemplo, ferramenta para levantamento de dados sobre um dado tema ou assunto)" (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2013: 17, grifo do original). No caso das três pesquisas que são focalizadas neste texto, estão em jogo a internet como "local" (contexto) e como "instrumento" de pesquisa.

@s nativ@s digitais

A literatura especializada na cibercultura refere-se à jovem e ao jovem contemporâneos, nativ@s digitais (PRENSKY, 2001), de diversas formas: "n-geners" (TAPSCOTT, 1999), "generación @" (FEIXA, 2000, 2006), "los nuevos bárbaros" (REGUILLO, 2012), entre outros.

Os "n-geners" ou "geração net" – termo usado por Tapscott (1999) ao se referir aos sujeitos que no final da década de 1990 tinham entre 2 e 22 anos – estiveram cercados do que chamamos de "nova mídia", ou seja, já nasceram imersos nesta cultura da interação via internet, que, segundo Barcelos (2010), apresenta possibilidades de comunicação e expressão mais interativas e imersivas que a mídia chamada de "tradicional" (TV, rádio e jornal). Segundo Tapscott,

> Como já nascem com a tecnologia, as crianças da Geração Net a assimilam. [...] Com a assimilação, as crianças veem a tecnologia como apenas mais uma parte de seu ambiente e a assimilam juntamente com as outras coisas. Para muitas crianças, usar a nova tecnologia é tão natural quanto respirar (TAPSCOTT, 1999: 38).

Desta forma, utilizam essa tecnologia como ferramenta para suas atividades cotidianas, nos processos de aprendizagem e socialização.

De acordo com Feixa, a importância de se atentar para a geração @ vai muito além de observar e considerar a nova mídia como mediadora de experiências. Para o autor, "[não] se trata apenas de um grupo de idade com mais acesso aos computadores e à internet, nem de que a maior parte de seus componentes vivam rodeados de *bites, chats, e-mails* e *webs"*, e mais recentemente aplicativos como o Facebook e o WhatsApp; "o essencial é o impacto cultural destas novas tecnologias" (FEIXA, 2006: 13). As experiências que a geração @ vive neste ambiente cibercultural resultam em outras visões de mundo. Esses sujeitos são os "novos bárbaros"[3] que quebram paradigmas e fronteiras da sociedade e são "portadores de novos sentidos, estratégias e domínios" (REGUILLO, 2012:138).

Joaquin Linne (2014), baseado nos resultados de pesquisa que realizou com adolescentes e jovens de baixa e média rendas residentes na cidade de Buenos Aires, Argentina, defende "que existem duas gerações de nativos digitais os quais se diferenciam de acordo com seu grau de alfabetização tecnológica (LINNE, 2014: 206). Esse pesquisador denomina uma geração de "jovens 1.0" e a outra de "adolescentes 2.0"[4].

A respeito dos jovens nativos digitais 1.0, Linne destaca que esses "são os criadores e usuários primogênitos das primeiras plataformas da internet, [...] primeira geração que realizou sua socialização secundária neste tipo de tecnologia". Os adolescentes nativos digitais 2.0, geração pós-e-*mail*, já tiveram "sua socialização primária e secundária manipulando diversos dispositivos *Wi-Fi* e plataformas interativas alojadas em servidores *web* que permitem um acesso e uso ubíquo a partir de qualquer dispositivo conectado à internet" (LINNE, 2014: 208).

Esses textos revistos chamam atenção para a cultura digital que tem marcado a contemporaneidade e os sujeitos que nascem nesse contexto. As reflexões transdisciplinares acerca dessas marcas contemporâneas ora são favoráveis à integração virtual ora são resistentes a ela. Mas um aspecto que é registrado nas três pesquisas que compõem o corpo deste artigo é o trânsito dos adolescentes e jovens entre as vivências *on-line* e *off-line*. De qualquer modo, estamos aprendendo a viver nesse cenário.

Esta breve revisão acerca dos nativos digitais enfatiza que desenvolver pesquisas que envolvam adolescentes e jovens contemporâneos implica considerar a cultura digital na qual esses sujeitos têm sido enculturados e socializados. Ao investigar a interação desses nativos digitais com músicas, tal consideração é enfatizada pelos meios digitais tornarem-se campo altamente produtivo das culturas musicais contemporâneas.

Pesquisa documental na internet: jovens e o "conteúdo música"[5] em políticas educacionais

A pesquisa desenvolvida por Arroyo (2015) focalizou como os jovens e o conteúdo música estavam abordados nas políticas educacionais e curriculares das Secretarias de Educação

[3] Em estudos anteriores, Rossana Reguillo referiu-se aos jovens como argonautas "para indicar a busca incessante da construção de identidades nos grupos e coletivos juvenis". A metáfora de "novos bárbaros" busca expressar as mudanças culturais associadas a "transformações nas lógicas do saber, na compreensão do tempo, na incorporação de novas estratégias para relacionar-se com a tecnologia" (2012:138).

[4] Nesta pesquisa, os adolescentes possuem entre 13 e 18 anos e os jovens entre 19 e 29 anos. Apesar da qualidade teórica e metodológica do estudo, Linne não faz menção ao gênero dos participantes da pesquisa.

[5] "Conteúdo música" refere-se a como a Lei 11.769/2008, em vigor no período de realização desta pesquisa, estava redigida: "Música deverá ser conteúdo obrigatório no componente curricular" Arte.

do estado de São Paulo (SEE-SP) e de sua capital (SME-SP) para os ensinos fundamental/anos finais e médio no período 2007 a 2013. A investigação fundamentou-se na perspectiva sociocultural das interações humano-música (DENORA, 2000) e na abordagem do "Ciclo de Política" proposta por Stephen Ball e Richard Bowe (MAINARDES, 2006. LOPES; MACEDO, 2011).

Essa investigação, de abordagem qualitativa e caráter exploratório, adotou procedimentos da pesquisa documental na qual as fontes foram documentos físicos e digitais, textuais e audiovisuais, bem como recursos de interação digital na *web* como fóruns de discussão; tudo submetido à análise de conteúdo do discurso (LAVILLE; DIONNE, 1999. MAYRING apud FLICK, 2004).

Os documentos digitais estavam majoritariamente disponíveis nos portais das duas Secretarias de Educação, inclusive no canal exclusivo da SEE-SP no YouTube. Outros foram localizados em mídias sociais – Facebook*, blogs,* YouTube –, publicados pelas próprias escolas (E.E.; EMEF)[6]. O *corpus* digital da pesquisa comportou: documentos curriculares, editais de concursos para professores, entrevistas de autoridades das Secretarias de Educação disponíveis no YouTube, práticas musicais realizadas nas escolas e publicadas nas mídias sociais das próprias escolas e Secretarias de Educação – *blogs,* Facebook, YouTube e um fórum virtual de discussão de professores de arte na educação básica.

Os resultados, apenas referentes aos anos finais do ensino fundamental – uma vez que não se localizou mais dados acerca do ensino médio, exceto documentos curriculares –, indicaram que diferentes forças atuam em variadas direções e com diferentes poderes no que concerne ao conteúdo música nas políticas educacionais e curriculares analisadas. Já com relação aos jovens, esforços políticos e práticos foram identificados para considerar esses sujeitos com suas especificidades geracionais, sociais e culturais. A problematização do distanciamento entre a cultura escolar e a cultura juvenil apontada na literatura voltada a essa temática e produzida entre 1997 e 2005 (ARROYO, 2007) parece sensivelmente diluída com a incorporação dos interesses dos jovens pela cultura da escola.

Quando essa investigação teve início, em 2011, chamou atenção o quanto a SEE-SP já vinha fazendo uso dos recursos da *web* e o quanto o seu portal já se constituía lócus propício de investigação sobre política educacional. Ao acompanhar esse portal em permanente atualização, observou-se a utilização dos mais variados recursos de informação, comunicação e interação entre os gestores públicos, os profissionais da educação, os estudantes e suas famílias. Em 2011, o canal exclusivo no YouTube da Secretaria de Educação parecia notável, uma vez que no início dos anos 2000 essa mídia tinha acesso restrito em instituições escolares brasileiras, incluindo as universidades.

Também surpreendeu que as próprias escolas estivessem se inserindo na cultura digital. Os *blogs* e o Facebook começavam a servir de veículo de divulgação da produção escolar. O *blog* da EMEF Comandante Garcia D'Ávila[7], que se mantém ativo. era um dos mais operantes entre os visitados à época da pesquisa. Suas publicações eram variadas, e os recursos de aprendizagem eram perceptíveis. Desse modo, foi possível conhecer práticas musicais empreendidas em escolas públicas da capital paulista, especificamente analisadas com base nos objetivos da pesquisa.

[6] E.E. – Escola Estadual; EMEF – Escola Municipal de Ensino Fundamental.
[7] <http://emefgarciadavila.blogspot.com.br/>.

Dos documentos virtuais pesquisados por Arroyo, detemo-nos aos relativos à EMEF Comandante Garcia D'Ávila. Situada na zona norte da cidade de São Paulo, essa escola tinha, no currículo dos anos finais do ensino fundamental, aulas de arte ministradas por professora formada em artes visuais, que contemplavam música junto a outras linguagens artísticas[8]. Essa escola também desenvolvia projetos de práticas musicais de caráter opcional para estudantes no contraturno. Entre esses projetos constavam o Coral do Garcia e o conjunto de violões que, à época, era coordenado por um funcionário da escola, graduando de curso de licenciatura em música. Havia também a Banda do Garcia, de sopros e percussão, regida por uma instrutora concursada em 2011. Os três grupos tinham e mantêm publicações nas mídias sociais, o que possibilita estudos de seus percursos, um potencial para pesquisa no campo da educação musical. As Figs. 1, 2 e 3 são registros do coral e da banda com *links* de 2016 e performances passadas, desvelando essas possibilidades. Os recursos virtuais como as mídias sociais tornam-se, assim, um contexto instigante para a investigação no campo da educação musical.



Fig. 1: Coral do Garcia (2016) <https://www.youtube.com/watch?v=j8TsEbsOR4E> e (2013) <http://www.youtube.com/watch?v=dVpsb9WL2M4>

[8] Dados obtidos por meio de projeto de ensino e extensão (Núcleo de Ensino – UNESP-PROGRAD) que Arroyo coordenou nessa escola entre 2011 e 2013.



Fig. 2: "Banda do Garcia" (2012)
<http://emefgarciadavila.blogspot.com.br/2012/07/a-banda-do-garcia-vem-ai.html>

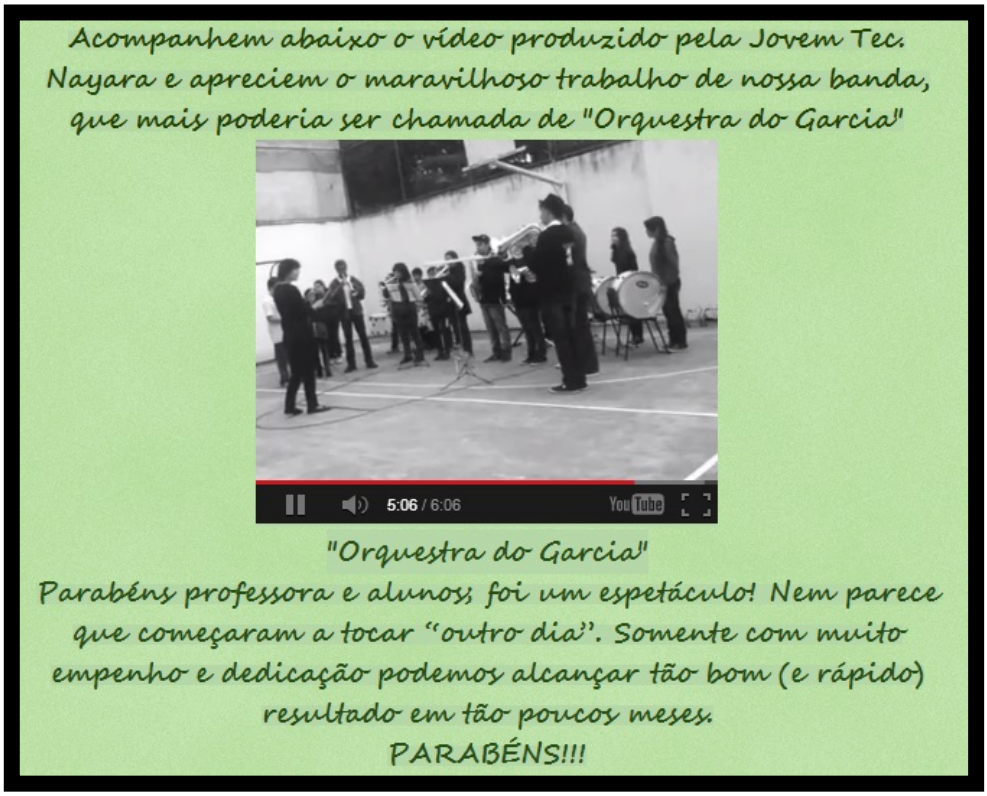


Fig. 3: Apresentação da "Banda do Garcia" (2015)
<https://www.youtube.com/watch?v=Erkijm3JydY>

Outros dados que podem ser de interesse não apenas para compreender práticas musicais nas escolas de educação básica, mas também acerca das relações dos estudantes com as instituições escolares são os comentários e curtidas que acompanham as publicações dessas práticas, como no Facebook da Banda do Garcia, indicado na Fig. 4.



Fig. 4: Interações via Facebook entre a regente da Banda e jovens participantes do grupo <https://www.*facebook*.com/BandaEmefGarciaDAvila?fref=ts>

No Facebook da banda há interações virtuais que, junto às imagens do grupo, permitem interpretar essa prática musical como um fazer denso no sentido teorizado por DeNora (2000: 20), isto é, a experiência musical "está implicada em muitas dimensões do agenciamento social [como] sentimento, percepção, cognição e consciência, identidade, energia, incorporação [...]". Há no texto de Camila Catalano, regente, uma carga de afeto – "maravilhosa apresentação"; um *emoticon* que expressa alegria (🙂)[9]. O mesmo na expressão de um membro do grupo, Camila Cardoso, mas, neste caso, com participação do cognitivo – "errei algumas coisinhas pequenas". Camila Cardoso ainda dá risadas – *kkk*.

O próprio Facebook da banda tem um potencial significativo para pesquisa longitudinal acerca de práticas musicais em escolas, pois está em atividade desde a sua criação, em 2011 (Fig. 5).

[9] Linguagem no Facebook <https://www.facebook.com/pages/L%C3%ADnguagem-Virtual/126900577446408>.



Fig. 5: Fundação da Banda do Garcia
<https://www.*facebook*.com/BandaEmefGarciaDAvila?fref=ts>

Etnografia Virtual[10]: formação musical de jovens e Facebook

Bechara (2015) realizou entre 2013 e 2015 a pesquisa "Jovens estudantes de música na cibercultura musical: Facebook e educação musical 2.0", cujo objetivo central foi desvelar as articulações dos compartilhamentos vinculados à música nessa mídia social com a formação musical de 18 jovens estudantes. Eram doze moças e seis rapazes, entre 18 e 29 anos, dezesseis deles estudantes de graduação em música nas cidades de São Paulo e Campo Limpo Paulista, um participante de projeto cultural da cidade de São Paulo e um estudante de bateria em escola particular de música também na capital paulista.

Por meio de uma pesquisa de campo baseada em recursos etnográficos virtuais, os dados foram coletados via observação participante virtual no Facebook e entrevistas *on-line*

[10] Caroso (2010:77) informa algumas das outras denominações conferidas a esse procedimento metodológico: "Etnografia on-line", "Etnografia de Rede", "Netnografia, "Etnografia Digital".

assíncronas[11]. O referencial teórico constituiu-se um mosaico de conceitos: cultura musical, "mundos musicais", "compartilhar", cibercultura, cibercultura musical, educação musical na pós-modernidade. A textualização dos dados foi estruturada segundo uma galeria de arte (JORGENSEN, 2011) na qual suas várias alas descrevem, analisam e interpretam os dados da investigação discutidos no âmbito da interseção entre práticas da cibercultura musical e da educação musical. As incursões do tipo etnográficas virtuais permitiram observar os compartilhamentos dos estudantes relativos às suas emoções, pensamentos e opiniões vinculados à música. Os resultados mostraram que o Facebook, utilizado no dia a dia, não trazia significativa contribuição para a formação musical dos estudantes participantes da pesquisa.

Os fenômenos socioculturais no ciberespaço têm na etnografia adaptada para o virtual um conjunto de procedimentos que podem auxiliar a compreensão das relações que estabelecemos na internet e por meio dela (HINE, 2004). De acordo com Hine (2004: 17), "a etnografia [...] pode servir para alcançar um sentido enriquecido dos significados que a tecnologia vai adquirindo nas culturas que a acolhem ou que se constituem graças a ela".

Baseando-se nas técnicas da etnografia tradicional, essa autora relaciona dez princípios para a etnografia virtual, os quais foram sintetizados por Luciano Caroso (2010) em palavras-chave, agrupadas em dois conjuntos que caracterizam a etnografia virtual (CAROSO, 2010: 83):

(1) Contexto – usos, mediações, fluidez, mobilidade e assíncrona;

(2) Etnógrafo – delimitação, intermitência, relevância, autorreflexão e adaptabilidade.

Visando compreender as interações com a música construídas no ciberespaço, Bechara inseriu-se no campo empírico (Facebook) por meio de seu próprio *perfil* no Facebook, de modo que pudesse participar das discussões *on-line*, observar as ações realizadas pelos(as) 18 jovens estudantes e se familiarizar com os sentidos culturais, as práticas e os termos linguísticos utilizados neste ambiente virtual. Além disso, também foram feitas entrevistas *on-line,* de forma assíncrona, conforme opção dos próprios estudantes.

Apesar das quase três décadas de realização das pesquisas na internet, muito há que se aprender no decorrer das próprias investigações. Isso é o que Bechara compartilha por meio dos caminhos que percorreu na investigação.

Inicialmente, a pesquisa seria realizada com jovens estudantes do ensino fundamental - anos finais e ensino médio, pois a ideia do tema da pesquisa surgiu durante aulas de violão ministradas pela pesquisadora com jovens desses segmentos escolares. Porém, após realizar um estudo exploratório nos perfis das mídias sociais de alguns desses sujeitos, foi constatado que havia pouco material compartilhado relacionado à música. A maior parte de suas postagens era relacionada a filmes, livros e séries que acompanhavam, sendo a música apenas mais um item que não se apresentava em destaque. Além disso, a mesma situação foi observada em alguns perfis de jovens de uma comunidade católica da zona norte de São Paulo da qual Bechara participava, também estudantes da educação básica.

Tendo em vista estas explorações e a partir da leitura do artigo de Rossana Reguillo, que observou em sua pesquisa uma "maior disponibilidade" de jovens entre 18 e 24 anos para

[11] "Ferramentas assíncronas - ferramentas que se caracterizam pelos interlocutores não terem a necessidade de estar reunidos no mesmo espaço de tempo para que haja a interação [...]" (PAIANO, 2007: 28).

"perderem-se em suas buscas" no ciberespaço (REGUILLO, 2012: 158), optou-se pela reconfiguração do grupo de jovens. Além dessa referência, Maria da Graça Setton também analisou trabalhos que registraram uma maior familiaridade de jovens entre os 14 e 25 anos com as práticas ciberculturais (SETTON, 2009: 67).

Ainda nessa fase exploratória, Bechara teve oportunidade de observar o Facebook de um grupo jovens vinculado a um projeto cultural da cidade de São Paulo[12]. De forma geral, as postagens do grupo iam desde avisos referentes às atividades do projeto até postagens de vídeos de artistas ou vídeos de aulas relacionadas à música. Conforme Hine (2004) mostra, a etnografia virtual problematiza os usos da internet, o que, neste caso, por exemplo, foi princípio fundamental para auxiliar na visualização desses usos, e de que forma esse material poderia ser relevante para a discussão do Facebook como contexto também de formação musical de jovens. Assim, as incursões exploratórias e o diálogo com Rossana Reguillo levaram a rever os jovens sujeitos da pesquisa, optando por estudantes de música entre 18 e 29 anos[13].

Definidos os critérios de escolha dos jovens, a primeira ação foi convidá-los para participarem da pesquisa. Em conformidade com experiências similares relatadas nos artigos de Reguillo (2012) e O'Connor et al (2012), o convite foi feito de forma *on-line* por meio de postagem no mural de perfil no Facebook da própria pesquisadora e naquele grupo do programa cultural da cidade de São Paulo. Houve também o compartilhamento de amigos da pesquisadora em seus respectivos perfis no Facebook. Foram feitos dois convites, já que no primeiro apenas oito jovens mostraram interesse. O segundo convite também foi postado no *site* dos estudantes do curso de música em uma universidade pública de São Paulo, quando mais seis estudantes responderam positivamente.

Hine aponta que a etnografia virtual tem de ser "adaptável ao contexto". A partir das dificuldades encontradas e tomando como referências os princípios de "intermitência" e "delimitação" apontados por essa autora, os quais possibilitam reflexões sobre os limites e conexões entre o *on-line* e o *off-line* e da importância de não isolar o virtual de outras dimensões da vida social do indivíduo (CAROSO, 2010: 81), procedeu-se a algumas modificações para ampliar a rede de estudantes participantes. Desta vez, porém, os contatos foram presenciais a partir de visitas feitas pela pesquisadora a turmas de dois cursos de licenciatura em música: um em instituição pública (cidade de São Paulo) e outro em particular (cidade de Campo Limpo Paulista, SP).

Com o grupo contatado, outra dificuldade foi conseguir as respostas ao Termo de Consentimento para participação da pesquisa. Este foi enviado por *e-mail* e posteriormente disponibilizado no *software SurveyMonkey*[14]. Acerca desses reveses, O'Connor e colegas (O'CONNOR et al., 2012) relatam igualmente alguns destes desafios da pesquisa *on-line*, porém,

[12] Projeto Vocacional. Disponível em <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/dec/formacao/vocacional/index.php?p=7548>. Acesso em: 19 jul. 2017.

[13] 29 anos é o limite de idade de jovem considerado no Estatuto da Juventude (BRASIL, 2013).

[14] "SurveyMonkey é uma companhia baseada em nuvem ('software como serviço') de desenvolvimento de pesquisas on-line[1] fundada em 1999 por Ryan Finley. SurveyMonkey provê pesquisas personalizáveis gratuitas, bem como uma suíte de programas back-end que inclui análise de dados, seleção de amostras, eliminação de vieses, e ferramentas de representação de dados". Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/SurveyMonkey>. Acesso em: 30 jul. 2017.

comparam com a pesquisa que chamam de *off-line*[15] e atentam para o fato de que ambas apresentam dificuldades, mas que a pesquisa *on-line* ainda está em sua "infância", sendo preciso desenvolver suas técnicas.

Após o envio do Termo de Consentimento, concomitantemente às observações dos perfis na mídia social, iniciaram-se as entrevistas. Os(as) estudantes puderam escolher entre realizá-las de forma síncrona[16] ou assíncrona. Todos optaram pela forma assíncrona, pois disseram estar sem muito tempo e sem disponibilidade para os horários sugeridos.

As entrevistas assíncronas foram organizadas em três etapas e em três momentos diferentes para possibilitar um aprofundamento das respostas. A primeira foi relacionada com a trajetória dos(as) jovens como músicos/musicistas e como internautas; a segunda, diretamente ligada aos compartilhamentos de material relacionado à música no Facebook e, a terceira, com questões formuladas a partir das observações ou das próprias respostas dos estudantes.

Ao final do levantamento de dados, a participação das doze jovens e dos seis jovens ocorreu assim: todos enviaram seus termos de consentimento para participar da pesquisa, todos tiveram seus perfis observados[17] e receberam as entrevistas por meio de mensagem privada no Facebook ou por *e-mail*; quatro não responderam às perguntas; três responderam apenas à primeira parte e onze responderam à primeira e à segunda partes. A terceira parte foi enviada apenas para seis estudantes, dos quais quatro retornaram a mensagem com as respostas.

Novamente, O'Connor e colegas mencionam os desafios da pesquisa virtual, da qual, como na pesquisa *off-line*, o participante tem o direito de se retirar. Entretanto, em uma pesquisa *on-line*, eles podem se sentir mais livres por não terem o contato cara a cara (O'CONNOR et al*.,* 2012: 23).

Os registros das incursões *on-line* e *off-line* foram feitos em um diário de campo em formato digital (arquivo.doc), no qual, além de comentários e reflexões acerca do que era observado, também foram colecionados alguns *prints* das telas dos perfis dos estudantes, cujos nomes são fictícios e as fotos tiveram a imagem distorcida. O texto das entrevistas *on-line* assíncronas formou um caderno também digital.

O trabalho de campo, realizado de agosto de 2013 a agosto de 2014, resultou em 27 observações no Facebook dos 18 jovens, totalizando 22 horas e 55 minutos de "navegação", além das entrevistas. Finda essa etapa, ambos os arquivos (DC e caderno de entrevistas) foram impressos para início da análise, que partiu do mapeamento temático do material registrado.

A análise desses registros resultou na identificação de quatro tipos de materiais relacionados à música, frequentemente compartilhados pelos jovens participantes da pesquisa e

[15] Esses autores utilizam o termo *onsite* referente a interações presenciais. Entretanto, para unificar a terminologia neste artigo, usamos *off-line*, mais comum na literatura especializada.

[16] "Ferramentas síncronas - ferramentas que necessitam que todos os participantes estejam presentes em um mesmo espaço de tempo (comunicação em tempo real)" (PAIANO, 2007: 28).

[17] Além das observações dos 18 perfis, foram realizadas observações gerais do tipo "navegações erráticas", definidas por Reguillo como aquelas nas quais o internauta se perde nas suas buscas (2012: 157). Essas observações deram-se por meio da própria *timeline* de Bechara, complementando sua imersão no campo de estudo e possibilitando uma "autorreflexão", que, conforme Hine (2004), também é parte do trabalho etnográfico.

diferentes tipos de "estado"[18], ou seja, o caráter do texto que acompanha a postagem (REGUILLO, 2012) (Quadro 1, primeira coluna). A especificidade desses materiais está indicada na segunda coluna do Quadro 1.

Tipos de material	Especificidade do material
Vídeos (em sua maioria, *links* do YouTube)	• Shows e concertos ao vivo • Apenas áudio e fotos (vídeos com fotos ou imagens paradas, ou ainda com a letra da música em questão, cujo foco é apresentar apenas o áudio) • Clipes oficiais • Próprias performances de covers ou músicas próprias • Atuações profissionais e educacionais • Versões inusitadas ou paródias de músicas conhecidas • Curiosidades sobre música ou videoaulas • Virais
Imagens	• Mensagens críticas, românticas ou de humor • Informativas (processos seletivos, concursos, festivais, shows) • Divulgação do próprio trabalho (oficinas ou shows e concertos) • Trechos de letra de música • Fotos de suas performances profissionais/educacionais
Textos	• Trechos de letras de música • *Links* de *blogs* ou reportagens • Reflexões diversas
Recursos extratextuais/audiovisuais	• Hashtags • *Emoticons*
Tipos de "estado"	• Estado emotivo • Estado informativo • Estado crítico

Quadro 1: Materiais compartilhados no Facebook.

[18] Reguillo (2012) observou em seu estudo que as frases que geralmente acompanham o material compartilhado, ou simplesmente as frases postadas nos perfis do Facebook possuem características diferentes, podendo ser de caráter "emotivo", "informativo" ou "erudito". Segundo a autora, os "estados emotivos" são aqueles de caráter afetivo, os "informativos" dizem do que trata o material audiovisual, e os "eruditos" contêm um juízo de valor sobre o material.

Um exemplo de registro e análise está na Fig. 6.

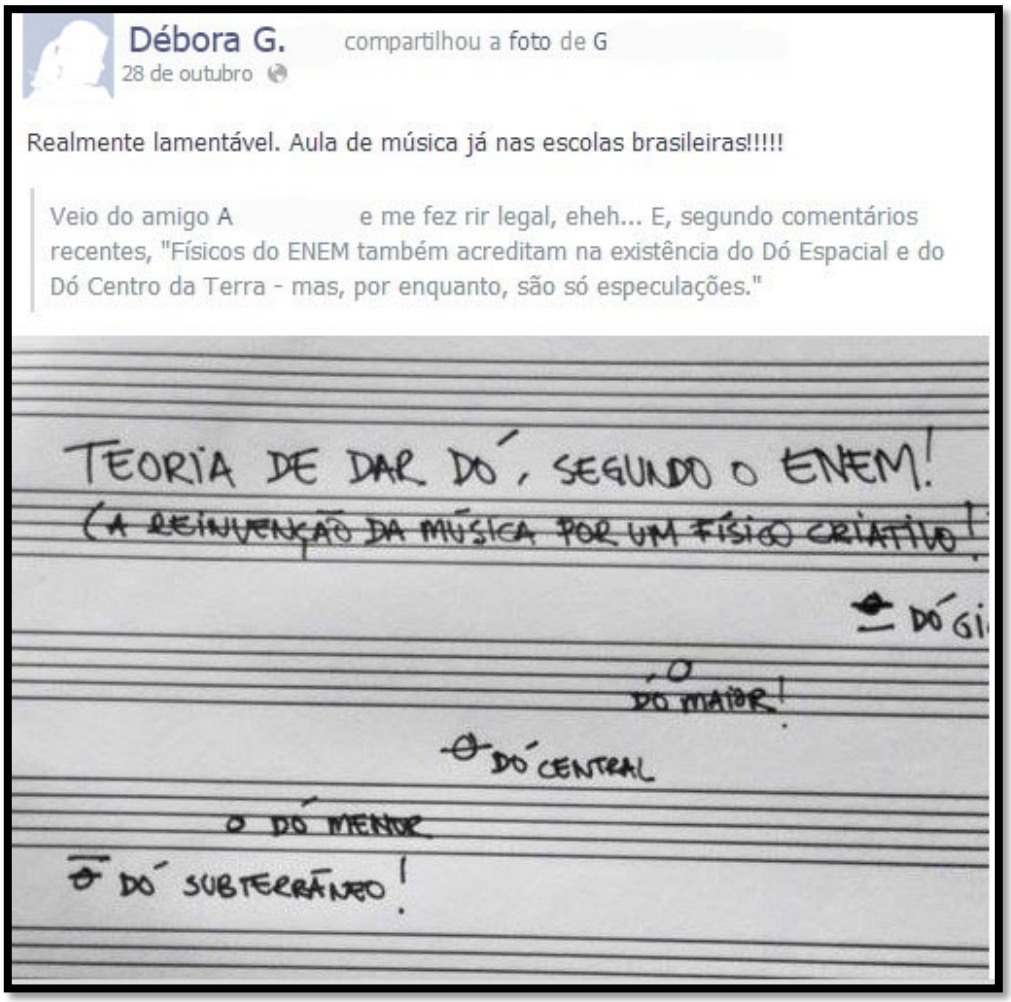


Fig. 6: Exemplo de "estado" crítico. (DC, perfil de Débora G.: 40)
<www.*facebook*.com>

A prova do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) de 2013 provocou uma polêmica entre educadores musicais ao apresentar uma questão de física a respeito das frequências e das notas musicais. A questão chamava o dó 4 de "dó maior", causando discussões, "compartilhamento" de piadas e revoltas a respeito do erro cometido. Débora também manifestou sua indignação "compartilhando" uma piada sobre o assunto e com um "estado" de caráter crítico, dizendo achar "lamentável" tal erro e pedindo por "aula de música nas escolas" urgentemente.

Diferentes tipos de materiais vinculados à música foram "compartilhados" pelos jovens no Facebook. Vídeos, fotos de suas performances, imagens, textos e letras de música eram apresentados em seus "perfis" com um caráter emocional, informativo ou crítico. A partir desses materiais, discutem, "compartilham" com colegas, divulgam trabalhos ou se expressam emocionalmente e mostram acerca da sua identidade. Apesar disso, a pesquisa realizada

indicou que o Facebook pareceu contribuir pouco para a formação musical dos jovens participantes.

A cibercultura musical que emergiu dos dados da pesquisa mostra trocas de informações sobre música e experiências musicais que não ficam restritas apenas à dimensão sonora. "Compartilhamento" de textos discutindo o assunto, letras de música expressando estados de espírito ou reflexões críticas, vídeos de paródias ou versões diferentes, de composições próprias ou desafios musicais, fotos de suas performances e atuações profissionais, de forma geral, constituem essa cibercultura. Trata-se de práticas e sentidos vinculados à música que são construídos e vivenciados no ciberespaço.

A partir desses materiais, os jovens interagem curtindo e comentando as "postagens" de colegas. Entretanto, se curtir é uma ferramenta relevante no ambiente do Facebook, apresenta características que demandam cautela por parte do pesquisador. Isso porque, no dia a dia, algumas postagens passam despercebidas, sem ganhar muitas curtidas, ou, se ganham, não apresentam comentários. O ato de "curtir" representa uma forma de tomar parte na conversa, uma forma de concordar ou discordar do conteúdo "postado", porém não garante que o internauta tenha, efetivamente, lido ou assistido ao vídeo (RECUERO, 2014). Então, pode tornar-se uma ação simplesmente mecânica.

Comparando os resultados desta pesquisa que focalizou os vínculos entre compartilhamentos no Facebook de jovens estudantes de música com sua formação musical e investigações que se circunscreveram a esse mesmo contexto (Facebook*)* e interesse (formação musical), mas estudando comunidades *on-line* (SALAVUO, 2006. SCOTTI, 2011. KENNY, 2013. WALDRON, 2011), as comunidades mostraram-se mais efetivas na aprendizagem de música do que as práticas corriqueiras no Facebook, recortadas nesta pesquisa. Tal fato pode ser explicado devido à presença de um mediador para as discussões.

Os vínculos entre o "compartilhamento" de música pelos jovens estudantes que participaram desta pesquisa no Facebook com sua formação musical levantaram a questão acerca da necessidade de mediadores (comunidade virtual ou professores) para que essa mídia social possa se tornar uma ferramenta mais efetiva na formação musical.

Estudo de casos múltiplos com procedimentos exclusivamente virtuais[19]

O terceiro procedimento metodológico que queremos compartilhar tomou o formato de um estudo de casos múltiplos (STAKE, 1999. ALVES-MAZZOTTI, 2006) desenvolvido exclusivamente no contexto da *web*. A pesquisa intitulada "Jovens guitarristas, aprendizagem autodirecionada e a busca pela orientação musical", empreendida por Paarmann (2016), teve por objetivo compreender por que alguns jovens autoaprendizes desejam uma orientação musical em dado momento de sua trajetória.

O autoaprendizado de música é uma prática comum entre jovens que desenvolvem processos personalizados de construção de conhecimento a partir dos seus interesses musicais. Esses processos envolvem aprendizagem em pares, em práticas cotidianas, por meio dos recursos disponíveis e sem a orientação de um professor. Por meio desses processos, alcançam seus objetivos imediatos, o que torna essa forma de aprendizado uma opção

[19] CAAE 39690714.4.0000.5402.

tentadora. Apesar da eficiência do autoaprendizado musical, já bem documentada (CORRÊA, 2000. GREEN, 2001. GOHN, 2002), em dado momento alguns autoaprendizes buscam a orientação de professores para avançar nos seus saberes musicais. Assim, o caso de estudo desta pesquisa foi desvelar o que motivava essa orientação, como os jovens a concretizaram e a vivenciaram e que relações estabeleciam com os processos de autoaprendizagem em música que experimentaram.

O conceito de aprendizagem autodirecionada (*Self-Directed Learning - SDL*), inicialmente estruturado pelo educador norte-americano Malcom Knowles (1975), foi a categoria teórica central para análise e interpretação dos dados levantados junto a nove jovens guitarristas, cinco rapazes e quatro moças entre 21 e 29 anos de idade, moradores de diferentes locais do Brasil (São Paulo – capital, Arujá, Mogi-Guaçu; Distrito Federal – Brasília; Minas Gerais – Cambuí; Bahia – Camaçari). Este conceito foi adaptado para o contexto de aprendizagem musical a partir do modelo tridimensional *SDL* criado por Liyan Song e Janette R. Hill (2007), que foi originalmente desenvolvido para a investigação do aprendizado em ambiente *on-line*.

Os resultados desta pesquisa demonstraram que todos os jovens alcançaram limites temporários no autoaprendizado e buscaram orientação musical com professores particulares, em escolas de música e em cursos de graduação. Entretanto, o que mais chamou atenção foi um perfil singular de aprendiz, caracterizado pela alternância e simultaneidade entre a autoaprendizagem e a aprendizagem orientada. Este perfil indicou que os jovens participantes da pesquisa estavam, quer no autoaprendizado ou na aprendizagem direcionada, autodirecionando seu aprendizado com uma autonomia notável.

Nesse estudo de casos múltiplos foram utilizados os seguintes instrumentos investigativos, organizados em duas etapas. Na primeira etapa recorreu-se a convites *on-line* feitos às(aos) jovens guitarristas autoaprendizes, questionário *on-line* para seleção[20] desses, criação de um grupo no Facebook composto pelo pesquisador e pelos jovens participantes da pesquisa, observações *on-line* no Facebook e YouTube (postagens dos próprios jovens de suas performances na guitarra) e registro dessas observações e apontamentos referentes à investigação em um caderno digital de pesquisa, além de comunicações via *e-mail* e WhatsApp. Na segunda etapa, foram realizadas entrevistas semiestruturadas individuais *on-line* síncronas (por videoconferência).

Os convites foram feitos com postagens do pesquisador no seu próprio Facebook e em vários grupos de discussão que abordavam temas relacionados à guitarra e à música. Juntamente aos convites, foi adicionado um link para que o(a) interessado(a) fosse encaminhado(a) ao questionário criado no GoogleDocs.

A criação do grupo exclusivo no Facebook para a pesquisa deu-se para comunicação e interação entre o pesquisador e os nove jovens selecionados. Inicialmente, não foi previsto criar meios de interação entre os participantes, uma vez que a intenção era apenas facilitar a comunicação. Contudo, no desenrolar da pesquisa, muitos não estavam respondendo aos *e-mails* com rapidez e, por esta razão, foi criado este grupo no Facebook. Com essa ação, o retorno das respostas se mostrou sensivelmente mais ágil.

[20] Os critérios de seleção foram: o início da aprendizagem da guitarra por processos informais, o acesso à internet no seu cotidiano para o autoaprendizado, equipamentos adequados para a realização das entrevistas *on-line* e o interesse em participar da investigação.

As observações *on-line* no Facebook dos próprios jovens e de publicações de suas performances na guitarra no YouTube foram de grande importância por possibilitarem apreciá-los na ação musical. Todos os jovens possuíam perfis no Facebook e, em sua maioria, canais no YouTube. Dessa maneira, eles se expressavam textualmente sobre suas vidas e procuravam se expor com vídeos das suas performances musicais.

No decorrer desse processo, os jovens foram observados com suas postagens de texto e vídeos em três ambientes. O primeiro compreendeu o perfil individual que eles possuíam no Facebook, por meio do qual haveria condições de conhecer mais sobre suas biografias, descrições do perfil, seus gostos, práticas e conhecimentos musicais. O segundo envolveu a criação do grupo da pesquisa no Facebook, o que possibilitou observar os(as) jovens guitarristas interagindo uns com os outros. Por um curto espaço de tempo – no período de 18/02 a 11/03 de 2015 – o pesquisador assumiu o papel de observador na tentativa de estimular os participantes a compartilharem suas produções de vídeos e materiais relacionados com suas aprendizagens ou apenas temas curiosos sobre música e guitarra. Nesse cenário, as intervenções eram em forma de postagens para que os(as) jovens pudessem entender o objetivo desses compartilhamentos[21]. O terceiro ambiente se estabeleceu no site YouTube. Nessa plataforma foram observados os vídeos postados pelos jovens nos canais pessoais e/ou de colegas, escolas de música, bandas, entre outros.

Para as entrevistas semiestruturadas individuais realizadas por videoconferência recorreu-se ao *software* Skype, recurso que os(as) jovens já incorporavam em suas relações sociais, principalmente por intermédio dos *smartphones.* É relevante frisar que esta pesquisa trabalha diretamente com jovens autoaprendizes que utilizam a internet como uma importante ferramenta para seu aprendizado e compartilhamento de suas práticas musicais. A partir dessa condição, a escolha pela entrevista *on-line* mostrou-se uma forma eficiente para o levantamento de dados.

Essas entrevistas atenderam a outros aspectos da pesquisa: acesso aos jovens de diferentes regiões do Brasil; facilidade para agendamento das entrevistas; ausência da necessidade de deslocamento físico para a realização; registro através de *software* de gravação no formato de vídeo; possibilidade de conversão do formato de vídeo para o formato mp3 e maior conforto para os entrevistados. Seu roteiro básico foi elaborado a partir das respostas ao questionário e das observações *on-line* realizadas. Entretanto, outras questões foram inseridas de acordo com o fluir da conversa com cada um.

As entrevistas individuais ocorreram no período de 23 de março a 11 de abril de 2015, e o uso do *software* Skype (Fig. 7) permitiu que, simultaneamente à conversa, fossem assistidos vídeos postados pelos entrevistados no Facebook e no YouTube. Dessa maneira, o entrevistado ou entrevistada teve condições de fazer comentários em tempo real com mais profundidade sobre a sua trajetória de aprendizado, por exemplo, avaliando seus próprios vídeos feitos no início do autoaprendizado de guitarra e mais recentemente.

[21] Apesar de o período ter sido breve, os(as) jovens postaram e compartilharam vídeos pessoais, de artistas e algumas curiosidades, mas foi preciso muito estímulo para que essas postagens fossem incorporadas ao cotidiano. Após as entrevistas, os participantes perderam o interesse por essa atividade proposta.



Fig. 7: Programa Skype sendo utilizado durante a entrevista. Elaborada por Paarmann - Tela capturada do Skype em uso: pesquisador no alto, à esquerda; o jovem entrevistado na tela maior.

Foi muito interessante assistir a esses vídeos como um exercício de autoavaliação para cada um deles. O mais instigante é que, mesmo estando nesse compartilhamento de tela, o Skype mantém uma pequena janela com a videoconferência ativa, e desta maneira foi possível observar as expressões faciais, vocais e corporais do(a) entrevistado(a) (Fig. 8).



Fig. 8: Vídeo, publicado no YouTube, assistido durante a entrevista. Elaborada por Paarmann. No plano maior, vídeo no YouTube da jovem entrevistada que o assiste durante a entrevista (alto, à direita).

Por meio do programa *Action!*[22] foi feito o registro em vídeo de todas as entrevistas para que posteriormente fossem transcritas e analisadas. As transcrições, por sua vez, foram feitas por meio do programa *on-line oTranscribe*[23], programa que oferece inúmeras facilidades, tais como: não necessita de instalação, há opção por diferentes idiomas, tem ferramentas para reprodução de vídeo e áudio, a transcrição é armazenada no site, tem integração com o Google Drive, além de exportar o texto em vários formatos. O destaque fica para as ferramentas de áudio/vídeo. No caso da transcrição nessa pesquisa, optou-se por converter os vídeos para o formato mp3. O tocador de mp3 dispõe de recursos de manuseio do áudio que podem ser acessados diretamente no teclado do computador. É importante destacar que essas duas ferramentas são disponibilizadas em uma só tela, facilitando e dinamizando a transcrição.

Os recursos totalmente *on-line* utilizados nesta pesquisa estão sintetizados no Quadro 2:

Ações e instrumentos
1° Convite *on-line* para as/os jovens guitarristas
Questionários *on-line* - seleção dos participantes – Total de 51 questionários respondidos
Convite *on-line* direcionado ao gênero feminino[24] e questionário Google Docs Total de 8 respostas
Seleção dos 10 participantes – 5 masculinos e 5 femininos (um rapaz desistiu de participar da pesquisa)
Criação do grupo no Facebook como ferramenta de interação e compartilhamento de informações
Observação *on-line* (Facebook e YouTube) (caderno de pesquisa)
Entrevistas *on-line* síncronas via Skype Videoconferência Registro em vídeo das entrevistas Transcrição

Quadro 2: Ações e instrumentos utilizados na coleta de dados.

Esta pesquisa, desenvolvida exclusivamente na internet, utilizou-se de vários dispositivos digitais disponíveis que, somados à familiaridade das jovens e dos jovens participantes da pesquisa com essas mídias, desvelaram o potencial desses recursos para a pesquisa interessada em compreender a aprendizagem de música empreendida por nativos digitais.

[22] Paarmann teve conhecimento deste programa por indicação do meu filho adolescente (nativo digital 2.0). O *Action!* é uma ferramenta de gravação de vídeo que lhe permite capturar qualquer ação no *desktop* do computador. Com este programa é possível registrar com alta qualidade conversas em videoconferência com áudio e imagens, além de capturar fotos (*Print Screen*). Nesta pesquisa foi utilizada a versão 1.16.0.0 de 2013. (<https://mirillis.com/en/products/action.html>).

[23] <https://www.otranscribe.com>.

[24] Esse envio de questionário especificamente para jovens do sexo feminino deu-se em razão de que, no primeiro questionário enviado, das 51 respostas, apenas uma era de mulher. Mesmo com o segundo convite, apenas 8 moças responderam.

Conclusão

Este artigo teve por objetivo ressaltar a internet como contexto e instrumento instigador para a pesquisa contemporânea na área da educação musical, por meio do compartilhamento e discussão de procedimentos metodológicos.

Se as três investigações focalizaram nativ@s digitais indiretamente (ARROYO, 2015) ou diretamente (BECHARA, 2015. PAARMANN, 2016), um fator relevante nas pesquisas que se desenvolvem na e com a internet é a familiaridade ou a inserção dos pesquisadores nesse meio. No caso dos três autores deste artigo, Arroyo é imigrante digital pouco adaptada ao contexto, Paarmann é imigrante digital inserido nos recursos digitais e Bechara é nativa digital da 1ª geração (LINNE, 2014).

Na pesquisa realizada por Arroyo, as publicações digitais foram tomadas como documentos e, especificamente com relação aos vídeos disponíveis acerca de práticas musicais nas escolas, as possibilidades de investigação no campo da educação musical são instigantes. Por meio dessas publicações audiovisuais poder-se-ia estudar recortes como os tipos de práticas musicais que ocorrem em um determinado segmento escolar, quais seus praticantes, que processos de aprendizagem de música as caracterizam. Investigações na e com a internet proporcionariam estudos comparativos de práticas contemporâneas de aprendizagem e ensino de música na formação escolar brasileira e estrangeira. O mesmo poderia ocorrer com outros cenários nacionais e internacionais, tais como projetos socioculturais e comunidades musicais. Promissores seriam os estudos longitudinais de práticas de educação musical, como mencionado no caso da Banda do Garcia, que mantém um perfil no Facebook desde sua criação, em 2011. Esses estudos poderiam resultar em registros preciosos relativos às práticas musicais escolares.

O estudo de Bechara permitiu entender aspectos do uso corriqueiro do Facebook em relação às publicações vinculadas à música feitas pelos jovens estudantes dessa linguagem artística. Os caminhos que percorreu na investigação mostram os desafios da pesquisa *on-line* que ainda estão, segundo O'Connor e colegas (2012), na sua infância. Os instrumentos de pesquisa, inicialmente planejados para serem apenas virtuais, demandaram recorrer a ações presenciais. Pode ser necessário combinar procedimentos metodológicos *on-line* e *off-line*, como nessa investigação. Porém, a complementaridade, a depender do desenho da pesquisa, colocar-se-ia como necessária, visto que os nativos digitais vivem tanto *on-line* quanto *off-line*.

Paarmann procedeu metodologicamente somente na internet e por meio desta. Os vários recursos que utilizou mostram as oportunidades da rede *web* para a pesquisa. As sobreposições desses recursos, como as entrevistas *on-line* se desenvolvendo ao mesmo tempo em que vídeos de performances dos entrevistados são apreciados e o registro audiovisual da entrevista é empreendido pelo pesquisador, são estimulantes.

Além das possiblidades que essas três pesquisas na e com a internet compartilharam, outras investigações mostram-se plausíveis tanto para compreendermos práticas de aprendizagem e ensino de música presenciais registradas na rede *web* quanto essas práticas realizadas nos ambientes digitais (mais estudadas que os registros *on-line* de práticas presenciais). Seriam investigações não apenas micro, como as que Bechara e Paarmann concretizaram, mas também macro, para "compreender a enorme complexidade" das culturas musicais (*on-line, off-line* e a interação de ambas) contemporâneas e seus processos de aprendizagem (parafraseando HALAVRAIS, 2013: 16).

Referências

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. Usos e abusos dos estudos de caso. *Cadernos de Pesquisa*, v. 36, n. 129, p. 640-642, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v36n129/a0736129.pdf>. Acesso em: 6 out. 2014

ARROYO, Margarete. O conteúdo música e jovens estudantes nas políticas educacionais e curriculares das redes públicas do estado e da cidade de São Paulo (2007-2013). *Revista da ABEM*, v. 23, p. 58-79, 2015.

_____. Escola, juventude e música: tensões, possibilidades e paradoxos. Em Pauta (Porto Alegre), v. 18, p. 5-39, 2007.

BARCELOS, Renato H.. *Nova mídia, socialização e adolescência*: um estudo exploratório sobre o consumo das novas tecnologias de comunicação pelos jovens. 2010. Dissertação (Mestrado em Administração). Escola de Administração da UFRGS, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/24512/000747049.pdf?sequence=1>. Acesso em 6 mar. 2013.

BECHARA, Silvia Regina de Camera Corrêa. *Jovens estudantes de música na cibercultura musical*: Facebook e educação musical 2.0. Dissertação (Mestrado em Música). Instituto de Artes, Universidades Estadual Paulista, São Paulo, 2015.

BRASIL. Estatuto da juventude. Lei n° 12.852, de 5 de agosto de 2013. Brasília: Câmara dos Deputados, 2013. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm>. Acesso em: 20 jun. 2014.

CAROSO, Luciano. *Etnomusicologia no ciberespaço: processos criativos e de disseminação em videoclipes amadores*. Tese (Doutorado em Música). Escola de Música da UFBA, Salvador, 2010. Disponível em: <http://luciano.caroso.com.br/caroso_tese.pdf>. Acesso em 9 abr. 2013.

CORRÊA, Marcos K. *Violão sem professor*: um estudo sobre processos de autoaprendizagem com adolescentes. Dissertação (Mestrado em Música). Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

DENORA, Tia. *Music in Everyday Life.* Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

FEIXA, Carles. Generación @: La juventud em La era digital. *Nómadas*, n. 13, p. 75-79, 2000. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3989394>. Acesso em: 12. mar. 2013.

_____. Generacion XX: teoria sobre La juventud en la era contemporânea. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, v. 4, n. 2, p. 1-18, 2006. Disponível em: <http://revistaumanizales.cinde.org.co/index.php/Revista-Latinoamericana/article/view/394/229>. Acesso em: 17 jul. 2013.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. *Métodos de pesquisa para* internet. Porto Alegre: Editora Sulina, 2013.

FLICK, Uwe. *Uma introdução à pesquisa qualitativa.* Porto Alegre: Bookman, 2004.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas.* Rio de Janeiro: Guanabara/Koogan, 1989.

GOHN, Daniel M. *Auto-Aprendizagem musical:* alternativas tecnológicas. 2002. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

GREEN, Lucy. *How Popular Musicians Learn*: A Way Ahead for Music Education. Aldershot: Ashgate, 2001.

HALAVRAIS, Alexandre. Prefácio. In: FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. *Métodos de pesquisa para* internet. Porto Alegre: Editora Sulina, 2013. p. 11-16.

HINE, Christine. *Etnografía virtual.* Trad. Cristian P. P. Hormanzábal. Nuevas Tecnologías y Sociedad. Barcelona: Editorial UOC, 2004.

JORGENSEN, Estelle Ruth. *Pictures of Music Education*. Bloomington: Indiana University Press, 2011.

KENNY, Ailbhe. "The Next Level": Investigating teaching and learning within an Irish traditional music on-line community. *Research Studies in Music Education,* v. 35, n. 2, p. 239-253. Sydney, 2013. Disponível em: <http://rsm.sagepub.com/content/35/2/239.full.pdf+html>. Acesso em: 15 fev. 2015.

KNOWLES, Malcom. *Self-Directed Learning*. Nova York, Association Press, 1975.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. *A construção do saber*: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas Sul; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

LINNE, Joaquín. Duas gerações de nativos digitais. *Intercom, Revista Brasileira de Ciências da Comunicação.* v.37, n.2, p. 203-221, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/interc/v37n2/1809-5844-interc-37-02-0203.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2017.

LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. Contribuições de Stephen Ball para o estudo de Políticas de Currículo. In: BALL, Stephen; MAINARDES, Jefferson (Orgs.). *Políticas educacionais*: questões e dilemas. São Paulo: Cortez, 2011. p. 248-282.

MAINARDES, Jefferson. Abordagem do Ciclo de Política: uma contribuição para a análise de políticas educacionais. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 27, n. 94, p. 47-69, jan./abr. 2006.

O'CONNOR, Henrietta et al. Internet-based interviewing. In: HUGHES, Jason. *Sage Internet Research Methods*. v. 3. Londres: SGE Publication, 2012. p. 119-145. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4135/9781446268513>. Acesso em: 27 nov. 2013.

PAARMANN, Heraldo. *Jovens guitarristas, aprendizagem autodirecionada e a busca pela orientação musical*. Dissertação (Mestrado em Música). Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista, 2016.

PAIANO, Valessa Cristiane. Investigando Ferramentas Síncronas e Assíncronas na Interação em Educação a Distância. Dissertação (Mestrado em tecnologias da informação e comunicação na formação em EAD). Universidade Norte do Paraná – UNOPAR e Universidade Federal do Ceará – UFC, Londrina, 2007. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/2960/1/2007_Dis_VCPAIANO.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2015.

POSTILL, John. *Internet ethnography – notes for a presentation*. BlogMedia/Anthropology. Disponível em: <http://johnpostill.wordpress.com/2010/06/06/internet-ethnography-notes-for-a-presentation>. Acesso em: 20 jun. 2010.

PRENSKY, Marc. Digital Natives Digital Immigrants. In: PRENSKY, Marc. *On the Horizon*. NCB University Press, v. 9, n. 5, 2001. Disponível em <http://www.marcprensky.com/writing/>. Acesso em: 25 fev. 2015.

RECUERO, Raquel. Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. *Verso e reverso,* São Leopoldo, v. 28, n. 68, p. 114-124, maio-ago. 2014. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/ver.2014.28.68.06/4187>. Acesso em: 4 mar. 2015.

REGUILLO, Rossana. Navegaciones errantes: de músicas, jóvenes y redes: de Facebook a Youtube y viceversa. *Comunicación y Sociedad*, Guadalajara, n. 18, dez. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0188-252X2012000200007&lng=es&nrm=iso>. Acesso 8 maio 2013.

SALAVUO, Miikka. The Nature of On-line Music Communities and Their Relation To Music Education. In: THE FIRST EUROPEAN CONFERENCE ON DEVELOPMENTAL PSYCHOLOGY OF MUSIC, 2005, Finland. *Anais...* Jyväskylä: University of Jyväskylä, 2006. p. 306-309. Disponível em: <https://www.jyu.fi/hum/laitokset/musiikki/projektit/ecdpm2005/proceedings.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2012.

SETTON, Maria da Graça J. Jovens, mídias e TIC. In: SPOSITO, M. P. (Coord.). *Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira*: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006). v. 2. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009. p. 63-86.

SCOTTI, Adelson Aparecido. Violão.org: saberes e processos de apreensão/transmissão da música no espaço virtual. Dissertação (Mestrado em Arte). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/123456789/2028>. Acesso em: 19 mar. 2014.

SONG, Luyan; HILL, Janete. Conceptual Model for Understanding Self-Directed Learning in On-line Environments. *Journal of Interactive On-line Learning,* v. 6, n. 1, p. 27-42, Spring 2007. Disponível em: <www.ncolr.org/jiol>. Acesso em: 2 out. 2015.

STAKE, Robert . *Investigación com estudio de casos*. Madri: Ediciones Morata, 1999.

TAPSCOTT, Don. *Geração Digital*: a crescente e irreversível ascensão da geração Net. Trad. Ruth Gabriela Bahr. 1ª ed. São Paulo: Makron, 1999.

WALDRON, Janice. Locating Narratives in Postmodern Spaces: A Cyber Ethnographic Field Study of Informal Music Learning in On-line Community. *Action, Criticism, and Theory for Music Education Journal*, v. 10, n. 12, p. 31-60, 2011. Disponível em: <http://act.maydaygroup.org/articles/Waldron10_2.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2012.

Margarete Arroyo é graduada em Educação Artística: habilitação em Música pela USP e pós-graduada em Música – mestrado e doutorado – pelo Programa de Pós-Graduação em Música da UFRGS. Bolsista CAPES. Atuou como docente e pesquisadora na Universidade Federal de Uberlândia no curso de Graduação em Música de 1993 a 2010 e no Programa de Pós-Graduação em Artes – Mestrado de 2009 e 2012. Foi secretária da Associação Brasileira de Educação Musical entre 2001 e 2003. É líder do Grupo de Pesquisa sobre Aprendizagens Musicais na Contemporaneidade - APREMUS (CNPq). Desde agosto de 2010 atua como docente na UNESP, Instituto de Artes, curso de Graduação em Música e Programa de Pós-Graduação em Música. Atualmente é coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Música da UNESP. Segue como linhas de pesquisa: Educação Musical, cultura e sociedade; Educação Musical formal e informal; Juventudes e músicas; Música, epistemologia e cultura. etearroyo@gmail.com

Silvia Regina C. C. Bechara possui graduação em Licenciatura em Educação Musical pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2011). Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Educação Musical, atuando principalmente nos seguintes temas: Educação Musical e jovens, novas mídias e aprendizagem musical, experiência musical cotidiana e escola. É membro do Grupo de Pesquisa sobre Aprendizagens Musicais na Contemporaneidade - APREMUS (CNPq) e mestre em Música pelo do Programa de Pós-Graduação em Música da UNESP-IA. Atua como professora bilíngue de música no Colégio Britânico em São Paulo. silvia.cbechara@gmail.com

Heraldo Paarmann possui graduação em Bacharelado em Música - Especialização em Guitarra pelo Centro Universitário das Faculdades Integradas Alcântara Machado - FIAM/FAAM (1997). Pós-Graduação em Docência Superior em Música pela Faculdades Metropolitanas Unidas (2009). Mestre em Música pela UNESP-IA (2016). Músico Multi-instrumentista Profissional desde 1984. Leciona guitarra, violão popular, bateria e contrabaixo desde 1984. Produtor musical desde 1997, compositor e arranjador desde 1984. Professor universitário no curso de licenciatura em Música da FACCAMP desde 2012. Nome Artístico: Heraldo Paarmann. Participante do APREMUS - Grupo de Pesquisa sobre Aprendizagens musicais na contemporaneidade desde 2014, Instituto de Artes Unesp, PPG-Música, sob coordenação da Drª Margarete Arroyo. heraldoguitar@hotmail.com